

Oferta

-0. NOV 1942
1424

COLOMBO 1493

LISBOA

ROTAS PROVAV
DAS
PRIMEIRAS VIA
ATLANTICA

COLOMBO 1492



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO I—N.º 50—LISBOA, 30 DE ABRIL DE 1942—PREÇO: 1 ESCUDO

O SR. ALMIRANTE GAGO COUTINHO fazendo, na Academia Portuguesa de História, a sua comunicação sobre «Primeiras travessias atlânticas», na comemoração da chegada de Pedro Álvares Cabral às terras de Santa Cruz

Um quarto de hora no Avenida Palace

com o comediografo Adolfo Torrado

Por LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

AVENIDA PALACE, 7 HORAS

NO «hall» morno e aconchegado do Avenida-Palace. Sete horas da tarde. O nevoeiro da luz crepuscular espalha, à volta, uma tranqüilla névoa de cinza. Apenas a um canto, uma lâmpada eléctrica, pequeno sol prêso dentro dum «abat-jour» dourado, explende como uma jóia.

— Dom Afonso Torrado? — perguntamos a um «groom», vaidoso da sua farda.

— Quem devo anunciar?

Declinamos a nossa identidade; faz-se uma rápida ligação telefónica; e a resposta vem pronta, quasi instantânea:

— O senhor Torrado desce já...

DON ADOLFO, UMA ENTREVISTA?

Não se passaram cinco minutos. O elevador desceu, a «cabine» abriu-se, e D. Adolfo assomou, amável, acolhedor, a face morena — iamós a escrever torrada — resplandecente num largo sorriso claro. Tínhamos, diante de nós, não apenas um camarada afectuoso que nos recebia, mas, mais do que isso, um autêntico grande de Espanha na actual dramaturgia do país, vizinho, porventura hoje o autor mais representado na pátria de Tirso de Molina e de Lope de la Vega, verdadeira organização de homem de teatro para quem o teatro não tem segredos, e a cujo espirito se abriram, em plena mocidade, as portas de ouro do triunfo.

— Dom Adolfo, uma entrevista?

— *Me encanta la aventura... Non quiere usted un «cocktail»? Con un «cocktail» se siente un hombre capaz de todo...*

— A sua idade, se não é indiscreção? Riu-se:

— *No lo sé. Dependé. Em regra, 37 años.*

— E de teatro, quantos?

— Vinte. A minha primeira peça, «Crack», representou-se tinha eu 17...

— Uma comédia?

— Não. Um drama. No começo as minhas obras eram caracterizadamente dramáticas. Influências de «D. Juan Tenório». De resto, é talvez mais fácil o drama do que a comédia. No drama os problemas podem resolver-se matando os personagens; na comédia, não: é necessário encontrar-lhes um



Adolfo Torrado

destêcho natural, simples e risonho.

— Quantas peças já escreveu?

— A volta de quarenta.

— A mais representada?

— «La Chiruca». Vai a caminho das quinhentas representações, em Madrid. Um verdadeiro «récord»...

— A que horas trabalha?

Encolheu os ombros:

— Não tenho hora certa. Quando a imaginação dispõe ou as circunstâncias exigem.

— Levanta-se cedo?

— Às onze.

— E deita-se tarde?

— Nunca sei. Levantar-me, depende

de mim; deitar-me, depende dos outros...

— E das outras...
Abriu muito os olhos:
— *Dios mio! Soy casado, hombre!*
Acendemos um cigarro, Uns instantes de silêncio.

DON ADOLFO E A CRITICA

— Que impressões tem do público?

— As melhores. Conto-o providencialmente no número dos meus amigos íntimos.

— E da crítica?

Torrado estremeceu.

— Que se passa, Don Adolfo?

— *A mi? Nada.*

— E a crítica?

— *Pero la encuentro rara.* Duma maneira geral acusa-me de excesso de técnica. *Es bueno!* Depois, peça em que ela me atire a sua luva, as probabilidades de êxito sobem. Dir-se-ia que o público, reconhecendo em mim uma vítima indefesa da crítica violenta, me acarinha e me protege com os seus escudos...

— A sua melhor recordação da vida teatral?

— Tenho muitas recordações excelentes. Esta, por exemplo: um banquete que me ofereceram os «pontos» dos teatros de Madrid...

— Os «pontos»?

— *Los mismos.* Como as minhas peças estão geralmente longo tempo no cartaz, os artistas acabam por saber os papéis na ponta da língua, e os «pontos» podem permitir-se o luxo de dormir, com tranqüillidade, na sua cúpula. Quere dizer: a homenagem que me prestaram foi, de certo modo, uma homenagem à Preguiça. Estupendo!

O AUTOR TORRADO EM PORTUGAL

Falei-lhe do êxito obtido por algumas das suas peças em Portugal. Confessou-se desvanecido. Por sua vez, falou-me do nosso teatro.

— Nas peças, sobretudo musicadas, que tenho visto nas minhas breves passagens por Lisboa, encontro-lhes um dinamismo útil e agradável. Neste género de teatro é necessário, acima de tudo, não deixar pensar o público...

Usted ha escrito ahora una obra de colaboración... «Mi mujer...»

— *Es un caballero...* — acrescentei. Logo êle, num sorriso:

— *Es una obra de moral corriente. Verdad?*

O mendigo que queria dormir descansado — História sem palavras por Stuart Carvahais





Figuras da Vida
MUNDIAL

CHANG-KAI-CHEK, generalíssimo dos exércitos chineses, herói da resistência oposta pela grande república do Extremo Oriente aos invasores japoneses que, ao cabo duma luta que se prolonga já há cinco anos, colabora agora, com as nações aliadas, na segunda grande guerra mundial. (Caricatura de Costa Pinto).

A ofensiva da primavera

* e as possibilidades de iniciativa *

pelo tenente coronel I. E. ILIÃO POIRTELLA

PRIMAVERA, estação de esperança! A natureza desperta do seu longo entorpecimento; nova seiva circula e germina, os rebentos das árvores e os campos verdejante são também esperanças de frutos e colheitas apetecidas e almejadas.

Os senhores da guerra esperam também ansiosos, nesta época de promessas, verem realizar-se os seus desejos e as suas aspirações.

Porque no campo militar a primavera é também uma estação de esperanças.

Esperança misturada de muita inquietação, dominante talvez este último sentimento sobre o primeiro.

Com bom tempo aparecem as condições propícias aos movimentos das tropas em terra, à regular actividade das forças aéreas e navais e o combatente encontra-se em melhor estado de desenvolver a sua acção.

E é por isso que tanto se fala em ofensiva da primavera

Deve-se, porém, lembrar que as boas condições de tempo não surgem simultaneamente por toda a parte, creando ao mesmo tempo os elementos necessários à batalha. Estas condições variam conforme as regiões, sendo favoráveis umas e desfavoráveis outras.

São estas diferenças que marcam essencialmente, no tempo as possibilidades de acção nos diferentes teatros de operações; da mesma forma que as possibilidades — no espaço — são determinadas, pelas disponibilidades de efectivos e de material, pela situação moral, política e económica e pelas exigências estratégicas.

Convém, portanto, estudar os diferentes teatros de operações sob estes múltiplos aspectos afim de se poder prever as direcções prováveis dos próximos movimentos militares.

Não trataremos, por agora, do teatro extremo-oriental, por o considerarmos secundário no conjunto geral da Guerra.

A) TEATRO DA RÚSSIA

Aqui existem três zonas climatéricas distintas:

— **Primeira zona: Extremo Norte** — compreende a região da Carélia e Murnansk, onde as estações temperada e quente, que se sucedem bruscamente, só começam em fins de maio para terminar em fins de setembro.

— **Segunda zona: do Centro** e regiões de Leninegrado e Kusk, onde os degelos começam em fins de abril e a época seca em fim de maio.

— **Terceira zona: ao sul**, regiões da Ucrânia oriental, entre a bacia do Donetz e o Mar d'Azov, e da Criméa, onde os degelos começam em abril e a época seca em princípios de maio.

O degelo transforma as estradas e os campos em verdadeiros lodaçais, que muito dificultam o movimento das tropas e seu transporte, tornando-o muitas vezes impossível.

O comando alemão declara que a lama não constitui impossibilidade para a Wehrmacht.

Nós, contudo, persistimos em pensar que se a época das bem conhecidas lamas russas não constitui uma impossibilidade absoluta de movimentos, acorreta contudo tais dificuldades que não é de aconselhar empreender grandes operações em tal ocasião.

O mês de abril passou-se, pois, sem assistirmos a operações ofensivas de grande envergadura no teatro russo.

B) TEATRO DO MÉDIO ORIENTE

Aqui já as condições são muito diferentes; os meses de abril e maio são os que melhor se prestam ao desenvolvimento de grandes operações.

C) NORTE AFRICANO

Na região da Líbia e do deserto a época que melhor se presta ao desenvolvimento de grandes operações termina em meados de maio.

Depois desta data, os calores tórridos do verão prejudicam, em extremo, se é que não tornam impossível a marcha e o combate das tropas. O consumo de água cresce em proporções exageradas e o seu reabastecimento complica o serviço de transportes, diminuindo as disponibilidades de meios para os reabastecimento geral, de material, munições, carburantes e viveres. A vida dentro de um carro blindado é quasi impossível o que diminui a eficiência do combatente; as tempestades de areia prejudicam o combate em terra e a actividade eficaz das forças aéreas. As tropas europeias, sobretudo as do Norte e do centro da Europa, dificilmente suportam o verão do deserto. As tropas indígenas têm aqui vantagem sobre as europeias, por estarem melhor habituadas ao clima.

Não nos parece, pois, que sejam de prever aqui grandes operações militares a partir de meados de maio.

D) TEATRO EUROPEU:

Com a primavera, sobretudo a partir de fim de abril, aparece a época mais propícia para o início de operações militares: em França, nos Países Baixos, e nas Ilhas Britânicas; nos países escandinavios (Noruega) maio seria o mês preferível.

Resumidos assim rapidamente as características nos possíveis teatros de operações militares que poderiam condicionar a escolha do momento duma ofensiva, impõe-se agora analisar outros factores que podem influir na decisão, afim de se poder determinar o local onde esta será mais aconselhável, e portanto mais provável.

O elemento primordial que, actualmente domina todos os outros, é o da **relatividade dos meios**.

Sabe-se que os factores dominantes que preparam e podem decidir da vitória são: a **surpresa** e a **superioridade moral, numérica e material**.

Com a surpresa pode obter-se a superioridade, pelo menos local e tempo-

rária, e portanto conseguem-se sucessos, senão totais pelo menos locais.

A campanha da Rússia, no verão passado, foi a confirmação absoluta deste princípio.

A surpresa pode ser de natureza estratégica ou tática.

No momento presente o factor **surpresa estratégica** é mais difícil de se conseguir. Mas se as suas probabilidades estão reduzidas, isso não significa que seja impossível obtê-la.

POSSIBILIDADES DE SURPRESA

A) **Se a iniciativa for alemã**, parece-nos:

1.º Ser impossível surpreender o russo tanto tática como estrategicamente.

2.º Ser possível surpreender os ingleses estrategicamente, pois a iniciativa pode ser tomada em diferentes direcções, a saber:

a) **Médio-oriente, através da Turquia:** atacando por terra das bases da Trácia, e das costas da Dobrudja e das ilhas do Dodecaneso; **através da Síria e Palestina:** atacando por desembarques aéreos e marítimos, tendo por base as ilhas do Dodecaneso, Creta e Mar Egeu.

b) **Egipto:** atacando da Cirenaica, por terra, e de Creta, do Dodecaneso e Grécia por operações aéreas transportadas e navais.

c) **África do Norte:** sobre a Tunísia:

actuando aérea e maritidamente, partindo das bases italianas da Sicília e atacando por terra partindo da Tripolitania;

sobre Marrocos e a África Ocidental: actuando por via aérea e naval partindo de bases francesas do Mediterrâneo, ao longo da costa espanhola e por via terrestre atravessando o território espanhol até Gibraltar, Algeciras-Cadiz.

d) **Ilhas britânicas:** actuando por via naval e aérea, transportes partindo das bases da costa francesa, Bélgica e Países Baixos.

Como se vê das 7 direcções possíveis de um movimento alemão, apenas 4 podem ser susceptíveis de crear surpresa: a Tunísia, a África do Norte, o Médio Oriente e a Turquia.

Nas outras direcções: Rússia, Ilhas Britânicas e Egipto, a surpresa é pouco provável.

B) **Se a iniciativa for aliada**, parece-nos:

1.º Ser impossível surpreender o alemão na frente oriental e o italiano na Cirenaica.

2.º Ser possível surpreender os coligados germano-italianos em muitas outras direcções, a saber:

Na Noruega, nos Países Baixos, na França do Norte e Pas de Calais, na Bretanha, na Normandia e costa do Atlântico, na África Ocidental e do Norte.

Os aliados, britânico-americanos, dispõem duma maior liberdade de acção do que os coligados. Enquanto que a quasi totalidade das forças destes últimos se encontra fixada na **frente oriental**, na frente da **Líbia** e na **ocupação** e policiamento das regiões conquistadas,

a massa principal do exército britânico e a quasi totalidade do americano estão disponíveis.

Por outro lado as direcções de empennamento à escolha dos aliados são muito mais numerosas, o que aumenta as possibilidades de surpresa.

Verifica-se, portanto que, tendo os aliados uma maior **liberdade de acção** e estando em condições mais vantajosas para poderem fazer jogar o factor **surpresa**, possuem, «ipso-facto», maiores possibilidades de **iniciativa**.

A tomada desta depende pois mais directamente do factor **relatividade dos meios**.

Já por várias vezes temos indicado que nunca se deve empreender uma operação ofensiva de grande envergadura sem possuir a **superioridade dos meios** e a garantia que esta se manterá ou aumentará no tempo.

O esquecimento deste princípio conduziu os alemães, dirigidos por Ludendorff, em 1918, a uma guerra de **desgaste**.

Pelo contrário a sua observância por Foch levou as forças aliadas à Vitória.

O auxílio americano equilibrou as forças, em presença, em julho de 1918; e o aumento progressivo dos contingentes chegados a França provocou o desequilíbrio que permitiu a Foch a iniciativa do ataque que foi crescendo cada vez mais, à medida que aumentava esse mesmo desequilíbrio de forças a favor dos aliados.

SITUAÇÃO PRESENTE

Analizemos pois a **relatividade dos meios** dos dois adversários no momento presente.

A capacidade máxima de mobilização alemã anda à roda de **250 divisões**, (3 a 3,5 divisões por cada milhão de homens). Foi esta a percentagem máxima obtida na guerra de 1914-1918; deve, porém, fazer-se notar que, então, os efectivos das forças aéreas, da marinha, das tropas especializadas de defesa contra-aérea e das tropas de comunicações eram muito inferiores aos actuais, o que vem desfalcas as disponibilidades de recrutamento para as tropas terrestres. Por outro lado o acréscimo do potencial industrial e dos meios materiais, exigidos na guerra moderna, veio exigir uma massa maior de mão de obra especializada para o trabalho das fábricas, o que mais agravou aquelas possibilidades de recrutamento.

Julgamos portanto que, atribuindo, a mesmo percentagem de 1914-1918 não erraremos por **deficiência**.

Em julho de 1918 tinham os alemães: 202 divisões na frente ocidental, 22 na ocupação da Rússia e Roménia, e cerca de 15 na frente balcânica. Total: 240 divisões.

Actualmente o número de divisões mobilizáveis deve orçar portanto, no máximo, entre 250 a 260.

O recompletamento das baixas pode ser feito:

1.º pela chamada de classes novas;

2.º pela mobilização de mão de obra do interior;

3.º Pela chamada dos homens vivendo no estrangeiro.

Na primeira categoria, se forem cha-

madras antecipadamente três classes, isto é, os mancebos de 17, 18 e 19 anos, pode obter-se $3 \times 600.000 = 1.800.000$.

Para se obter, portanto, o recomplementamento de todas as unidades existentes no momento da ofensiva russa, têm que se ir buscar às fábricas e ao estrangeiro 1.200.000 homens.

A possibilidade do recrutamento no estrangeiro não deve exceder 100.000 homens, impondo-se então desfalcar o trabalho industrial de mais de 1 milhão de homens.

Sendo de capital importância não enfraquecer o rendimento da produção, e como é natural, que até à data, ainda se não tenha conseguido obter a mão de obra de substituição, é de prever que o número de divisões tenha baixado ou então que os efectivos de pequenas unidades tenham sido diminuídos.

Foram estas as duas soluções tomadas em 1918. Por outro lado deve também notar-se que a chamada de novas classes, os operários e dos residentes no estrangeiro não provoca o imediato preenchimento das vagas provocadas pelo desgaste das batalhas.

Os novos recrutas precisam, pelo menos, de seis meses de instrução e treino; só passado este período é que podem ser dirigidos sobre os depósitos e incorporados nas unidades combatentes.

Segue-se portanto que, se a incorporação dos recrutas tivesse sido iniciada em janeiro e prosseguida em fevereiro, março e abril, só a partir de junho, julho e agosto eles estariam prontos para combate.

Consideramos, assim, que o alto comando alemão não poderá contar actualmente com mais do que 215 divisões completamente organizadas e em condições de serem empenhadas na frente oriental.

Em França dispõe de 24 divisões de 2.ª ordem com efectivos de 8 a 10.000 homens; nas restantes territórios ocupados, de cerca de 16, idênticas às da França e na Líbia de umas quatro bem apetrechadas.

Vejam agora a Rússia:

A sua capacidade de mobilização é de **540 divisões** (180 milhões de habitantes \times 3, aplicando a mesma fórmula anterior).

As suas possibilidades industriais não lhe permitem, apesar do auxílio aliado, armar e equipar devidamente este número.

Calcula-se que as suas existências actuais orçam por cerca de 360 a 370 divisões; o seu reservatório inexgotável de homens garante-lhe contudo o recomplementamento regular das baixas sofridas, mantendo assim constante o número das suas unidades.

Na frente da Sibéria oriental têm os russos umas 50 divisões. Restam-lhe portanto uma 310 na sua frente ocidental.

A **Finlândia**, mobilizou a totalidade dos seus meios, que não pode exceder uma dúzia de divisões, que sofreram decerto já um grande desgaste, não devendo contar hoje mais do que 8 a 10 divisões.

A **Roménia** empenhou na frente russa 16 divisões. As suas perdas, segundo informações confirmadas, foram de: 295.000 mortos e 220.000 feridos (segundo a versão oficial romena 70.000 mortos e desaparecidos e 120.000 feridos).

Para manter constante o seu contingente de participação, teve que mobilizar quasi um milhão de homens.

A ansiedade na Roménia é grande perante o problema da Transilvânia, e actualmente só tem 6 divisões a leste de Odessa.

A **Hungria** participou inicialmente com 4 divisões nos combates da frente russa; porém, em novembro, retirou-as da linha da frente, e a sua acção actual limita-se à ocupação dos territórios conquistados da Ucrânia, da Jugoslávia e da Transilvânia.

A política hungara visa sobretudo a garantir a conservação dos territórios anexados.

A massa principal das suas forças está na Transilvânia, e a vontade da Hungria é conservar um exército forte no momento aproximado da paz, que lhe sirva de instrumento de negociação.

Não é portanto de prever que esteja desejosa de gastar os meios que possui, intensificando a sua participação na batalha germano-russa.

Das outras forças coligadas na frente russa pode dizer-se que a sua participação é meramente simbólica:

1 divisão, exacta, espanhola (divisão azul); 1.500 franceses (que estão retirados da frente desde fins de novembro); 1 milhar de escandinavos (legião Winkis); 2 divisões eslovacas e um a dois milhares de croatas.

A **Itália** tem na frente russa 6 divisões.

A sua capacidade de mobilização dar-lhe-ia a possibilidade de organizar umas **110 a 120 divisões**. Contudo, à Itália tem sido pedida uma participação elevadíssima de mão de obra, agrícola, industrial e trabalhos públicos, o que a impossibilita de mobilizar mais de umas 90 a 100 divisões.

Ora nas campanhas africanas: Etiópia, Somália, Eritreia e Líbia já a força italiana perdeu para cima de 350.000 homens, o que corresponde a um mínimo de 16 a 18 divisões.

Na ocupação dos territórios greco-albanês e jugoslavo tem mais de 16 divisões; na Líbia deve ter cerca de 10 e nas ilhas do Egeu, Creta e Dodecaneso outras tantas, que com as 6 da Rússia prefazem um total de 58 divisões.

A defesa da Sicília e da Península exigem-lhe um mínimo de 30 divisões, e o facto da nomeação do Príncipe Umberto para o Comando do Exército do Sul italiano indica que a Itália se preocupa com a sua defesa própria.

Segue-se portanto que somando as forças perdidas e as aplicadas já a objectivos determinados se obtém um total de: 6 na Rússia + 18 perdidas + 16 de ocupação continental + 20 de ocupação insular + 30 da defesa interior = 80. Restar-lhe-iam portanto 10 divisões, que decerto deseja guardar como reserva.

Resumindo portanto: 215 divisões alemãs + 16 romenas + 10 finenses + 1 espanhola + 2 eslovacas + 6 italianas = 250 divisões para opôr às 310 russas.

Daqui se pode concluir que para emprender uma operação de ofensiva geral em toda a frente oriental a Alemanha necessita obter, pelo menos mais uma 50 divisões.

Para atingir tal objectivo precisa:

- 1.º esperar que as suas novas classes estejam devidamente instruídas (25 a 35 divisões);
- 2.º obter a cooperação mais acentuada da Hungria;
- 3.º obter novas cooperações de outros países europeus.

A sua acção diplomática deve portanto incidir todos os seus esforços neste sentido.

Não cabe num só artigo completar este estudo das possibilidades em meios, dos dois adversários, e a análise das diferentes hipóteses que se podem apresentar ao comando alemão para a escolha da direcção estratégica do seu próximo movimento ofensivo.

Essa análise será feita em próximo artigo. Convém, contudo, desde já lembrar que a Grã-Bretanha e a América possuem actualmente nas Ilhas Britânicas para cima de 60 divisões disponíveis para serem empenhadas na direcção ou direcções estratégicas que julgarem mais vantajosas.

E é este um elemento de alto valor que pode provocar uma surpresa que decerto o alto comando alemão teme, como indica a nomeação dos marechais von Runstedt e von List para o comando supremo das forças, respectivamente, da França e da Noruega.

(CONCLUE NO PRÓXIMO NÚMERO)

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

DR. JOÃO DE BARROS



Consagrado escritor e distintíssimo professor que recentemente requereu, por motivos de saúde, a sua aposentação do professorado que, com tanto brilho, exerceu durante 36 anos, ensinando várias gerações. Ao abandonar assim o seu lugar, o sr. dr. João de Barros foi alvo de justa e sentida homenagem que lhe prestaram os professores do Liceu Passos Manuel, onde éle dava aulas, com o respectivo reitor, sr. dr. José Saraiva, exprimindo-lhe todos a mágoa que lhes causava o seu afastamento do magistério que tão dignamente honrou e entregando-lhe uma mensagem comemorativa por todos assinada.

PEDRO DE FREITAS BRANCO



Mestre director de orquestra, cujos méritos passaram há muito as fronteiras do nosso país. Director da Grande Orquestra Sinfónica Nacional, da Emissora, onde tem afirmado uma posição brilhante, foi já em tempos, orientador de grandes iniciativas tendentes a valorizar a música sinfónica em Portugal e afirmou o seu valor na direcção de muitos agrupamentos musicais estrangeiros, entre os quais a Orquestra Lamoureux. Encontra-se actualmente no sul da França e dirigiu, recentemente, em Marselha, um concerto executado pela Orquestra de Radiodifusão Nacional Francesa que incluía obras de Ravel, Dukas e Strauss e foi radiodifundido pelas estações emissoras de Marselha, Toulouse, Lyon, Montpellier e Nice.

EDUARDO DIAS



Distinto escritor que acaba de publicar um livro cheio de interesse: «Harém — Contos e ditos muçulmanos». Muito viajado e apegado às coisas e às figuras do mundo islâmico, Eduardo Dias deu-nos já, na sua prosa rítmica e colorida, algumas obras notáveis, como «As leis e as hostes de Maomé», «A invasão da Hispânia e o aspecto cultural do islamismo», «Greis serracenas e o Islão contemporâneo» e «Antar — O Cavaleiro Mor» — interessante colecção de estudos, romances e epopeias da velha Arábia. Desta feita, segundo o proprio autor nos diz, foi a linda e profunda literatura que, em países do Islão, emana da vida que lhe serviu de base à confecção da nova obra — obra que se lê com o maior agrado.

ANTÓNIO PEDRO



Figura dominante entre as novas gerações. Poeta, prosador e artista de grande sensibilidade e forte personalidade, apartado, por isso mesmo, de grupos e escolas, acaba de publicar um novo livro denominado «Apenas uma narrativa», a que pôs o sub-título de romance e é interessante demonstração do seu talento. Dêle disse, recentemente, um crítico: «O mais extraordinário do romance de António Pedro não é o «super-realismo»; é, dentro do «super-realismo», o suave, o ingénuo, o enternecido, o provincianíssimo regionalismo minhoto de todas as suas páginas». E, mais adiante: «No dessoramento neo-romântico em que pálidamente agoniza a chamada poesia moderna portuguesa — António Pedro é um violento com toda a beleza que a violência implica...»

VIDA MUNDIAL

OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por **Carlos Ferrão** *

Capítulo VIII - Tentativas de paz

3

O FIM DA ENTENTE CORDIALE

ENTRE 29 de Março e 22 de Junho de 1940, no curto prazo dum trimestre, a Entente Cordiale, que fôra, ao longo de trinta e seis anos, a base sobre que assentara a política da Europa, ia afundar-se sob o peso das armas alemãs. Aquilo que não fôra possível conseguir pela acção da diplomacia nem pela actividade da propaganda ia derivar do ataque desencadeado, com uma violência inaudita, pela Wehrmacht. Na primeira das datas que acima deixamos assinaladas, a França e a Grã-Bretanha comprometem-se a não concluir qualquer paz separada e a unir intimamente os seus esforços para a luta em comum. Na segunda, a França, colhida por uma derrota militar, que impressionou o mundo pelas suas características e pela sua rapidez, concluiu um armistício com a Alemanha, iniciando-se uma era nova na vida internacional.

A separação dos dois países era o objectivo que, naturalmente, os dirigentes do Reich procuravam alcançar. Esse objectivo, prosseguido incansavelmente, foi alcançado na hora da derrota francesa, em condições dramáticas que a história registará como um dos episódios mais graves e mais emocionantes desta guerra.

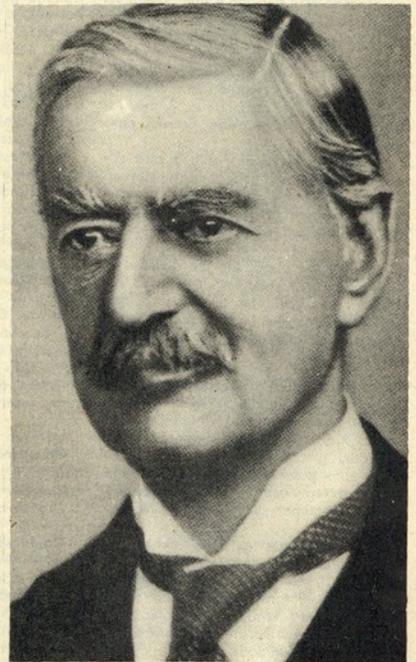
Caso curioso: a rutura franco-britânica consumou-se quando se encontravam no poder, em Paris e em Londres, os dois homens que mais decididamente souberam manter-se pela manutenção e pela valorização da Entente Cordiale. Em Março

o sr. Reynaud, após uma batalha parlamentar conduzida sem brilho e sem glória, ocupou a presidência do conselho, em sucessão de Daladier. Em Maio, o sr. Churchill tomava sobre os seus ombros a herança pesada que representava a acumulação dos erros praticados pelos seus antecessores. Ambos tinham conduzido a mesma batalha, numa identidade sinjótica de pontos de vista. Durante os meses agitados que precederam o início das hostilidades, o sr. Reynaud era apontado como o chefe do partido da guerra em França. Um e outro tinham marcado nitidamente a sua posição de resistência à ofensiva crescente que, primeiro no plano diplomático, depois no plano militar, o Reich iniciara e conduzia vitoriosamente. Essa resistência fraquejou e acabou por se extinguir quando os delegados da França puseram a sua assinatura no texto do armistício. A Entente Cordiale liquidava-se no vago histórico onde fôra consagrada a vitória das armas franco-britânicas.

A VONTADE DE RESISTÊNCIA

Em 29 de Março, o novo gabinete Reynaud, tendo conseguido na Câmara dos Deputados uns escassos votos de maioria, enviava o seu presidente a Londres para tomar parte numa reunião do Supremo Conselho Inter-aliado. A vitória russa na Finlândia pusera em evidência a importância da solidariedade que unia russos e alemães. A diplomacia soviética mudara as suas baterias e alvejara agora, com insistência, a região dos Balcãs. Depois de ter acatelado as suas fronteiras estratégicas do lado da Finlândia e dos países bálticos, a U. R. S. S. procurava alargar para o sul a mesma tática de protecção e da prevenção. A Roménia tornou-se assim o primeiro alvo das suas atenções. No fundo, era a futura e irremediável rivalidade entre os dois signatários do pacto de 26 de Agosto que se anunciava. Mas as nações ocidentais, sem informações dignas de crédito sobre os verdadeiros sentimentos que predominavam em Berlim e em Moscovo, mal se apercebiam do fundo essencial da questão que, mais uma vez no decurso dos séculos, separava germanos e eslavos. Atentas apenas às aparências, reconheceram, rapidamente, que a vontade de resistência que se esboçara em algumas capitais balcánicas, especialmente em Bucareste, devia ser revigorada por uma iniciativa diplomática de grande estilo.

Esta preocupação, de ordem exterior, justificada em boa parte por um discurso radiodifundido do comissário do povo para os negócios estrangeiros, Molotov, em que as reivindicações soviéticas em relação à Bessarábia apareciam postas com toda a nitidez, coincidia com as preocupações de ordem interna que avultavam na política da França e da Grã-Bretanha. O sr. Daladier pusera, como condição prévia para um entendimento total do seu país com a Inglaterra, uma afirmação solene e escrita sobre as condições futuras em que a segurança da França seria salvaguardada. O sr. Reynaud, cuja função parlamentar se revelara bastante precária, pretendia correr depressa o caminho que o seu antecessor desejava desimpedir de obstáculos antes de se decidir por uma negociação definitiva. Esse propósito do novo chefe do governo francês, reputado pela inteligência e pela argúcia, tinha o apoio inesperado dos acontecimentos. Como deviam os pequenos países da Europa afirmar o seu desejo de resistir, até ao fim, se as grandes potências, directamente postas em questão pela superioridade militar do Reich, não afirmassem veementemente o mesmo propósito?

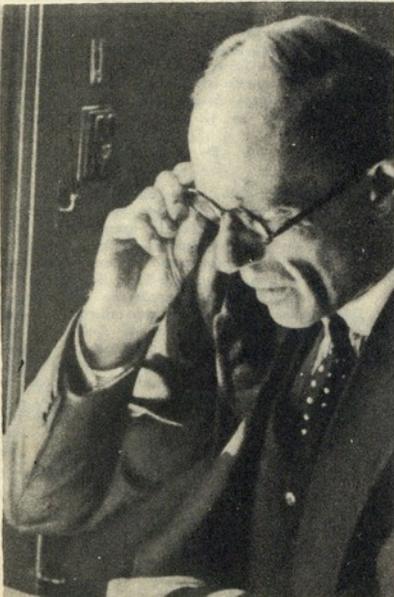


Chamberlain

UMA DECLARAÇÃO COMUM

Foi em obediência a este critério que o sr. Reynaud, pela França, e Neville Chamberlain, pela Grã-Bretanha, assinaram em Londres, no dia 29 de Março, a seguinte declaração comum: «O governo da República francesa e o governo do Reino Unido e da Irlanda do Norte comprometem-se, mutuamente, a não negociar, nem concluir, qualquer armistício ou tratado de paz separada, durante a presente guerra, a não ser de comum acordo. Comprometem-se, além disso, a só discutir os termos de uma paz comum depois de completo entendimento entre si quanto às condições necessárias para lhes assegurarem, respectivamente, garantias duradouras e eficazes para a sua segurança. Finalmente comprometem-se, depois de restabelecida a paz, a manter a sua comunidade de acção durante o tempo indispensável para salvaguardar a sua segurança e para prepararem, com o concurso de outras nações, uma ordem internacional que, na Europa, garanta a liberdade dos povos e o respeito pelo direito e pela manutenção da paz.»

O significado e a importância deste documento eram incontestáveis. A garantia britânica quanto à futura segurança da nação francesa, que o sr. Daladier não conseguira, aparecia claramente expressa. As precauções que a França legitimamente desejava adoptar quanto ao futuro encontravam também uma seqüência adequada. O entendimento franco-britânico não se limitaria ao período difícil das hostilidades. Prolongar-se-ia para além da celebração da paz com objectivos concretos e definidos: assegurar a defesa comum das nações oci-



Churchill

dentais, para a hipótese dum retôrno ofensivo do Reich, e preparar a nova ordem europeia.

Os ensinamentos dolorosos da última conflagração alloravam nos parágrafos da declaração comum de 29 de Março. Porque haviam os aliados perdido a paz depois de terem sabido ganhar, duramente, a guerra? Porque se não tinham entendido. Porque os ingleses nunca compreenderam o receso justificado que dominava o pensamento dos dirigentes franceses em relação a um vizinho com o qual, no decurso dos tempos, vivera, por mais duma vez, horas difíceis. Porque os franceses tinham da mentalidade britânica uma noção falsa, raras sendo os intelectuais e os políticos que conheciam o pensamento verdadeiro dos homens de Estado e dos orientadores da opinião pública na Grã-Bretanha. Era de considerar o propósito que afirmavam de não reincidir em erros que tão cara tinham custado.

DIVERGÊNCIAS NO GOVERNO FRANCÊS

A prova da guerra arruinou as intenções assim afirmadas e anulou os compromissos solenes assim tomados. Quando a derrota militar atingiu, em Paris, o coração da França, começou a tornar-se evidente que a solidariedade franco-britânica sofrera um golpe demasiado rude para poder sobreviver ainda por muito tempo. Depois de se, em batido, ombro a ombro, na Noruega, na Bélgica, em França, os dois povos iam separar-se.

O dia 10 de Junho, com o exército francês em plena retirada, foi assinalado por três acontecimentos capitais: a Itália declarou guerra à França; o governo da presidência do sr. Reynaud abandonou a capital na companhia do Chefe do Estado e dirigiu-se para Tours; a Inglaterra afirmou, num telegrama formal, o seu propósito de pôr todas as suas forças à disposição da França. Um telegrama do sr. Churchill, ainda recebido em Paris, dizia: «As forças britânicas estão já prestando um auxílio decisivo na grande batalha que as tropas francesas travam com uma coragem admirável. Serão postos à vossa disposição todos os elementos com que a Grã-Bretanha possa concorrer para vos auxiliar em terra, no mar, nos ares, a R. A. F. tem estado continuamente em acção no campo de batalha. Nos últimos dias desembarcaram em território francês novos contingentes britânicos. Tomarão parte na luta a lado daqueles que já se estão batendo. Preparamos rapidamente novos reforços que poderão ser utilizados num curto prazo».

Durante três dias, entre 10 e 13 de Junho, os exércitos franceses recuam incessantemente. O recuo deixou de representar um movimento ordenado de forças obedientes a um comando seguro. Há, entre as parcelas que se movimentam, brechas por onde o inimigo penetra profundamente. Os esforços desesperados do comando para articular essas parcelas revelam-se impotentes. O mesmo acontece às ordens que o governo transmite às autoridades militares e que não são cabalmente executadas. Mais grave do que isso: as divergências no seio do governo francês tornam-se cada vez mais claras. Entre os membros do gabinete, partidários duma resistência «à outrance» quaisquer que sejam as consequências, e os partidários dum armistício conseguido rapidamente, estabelece-se um fôssco que se alarga, à medida que o tempo passa. Essa separação vai desempenhar um papel capital no desenrolar dos acontecimentos.



Beaverbrook

A REUNIÃO DE TOURS

No dia 13 de Junho, o governo francês encontrava-se em Tours. A esta cidade francesa foi o Primeiro ministro da Grã-Bretanha, Churchill, acompanhado pelos seus colegas Lord Beaverbrook e Lord Halifax. Que se passou no diálogo prolongado que mantiveram os chefes dos governos aliados? O sr. Churchill revelou, alguns dias depois, num discurso pronunciado na Câmara dos Comuns, em 25, a matéria fundamental de que se ocupou com Paul Reynaud.

«O chefe do governo francês, sr. Reynaud, convidou-me a ir a Tours. Acedi ao seu pedido e fui na companhia de Halifax e Beaverbrook. O governo de Bordeus acaba de publicar uma versão inexacta do que se passou entre nós. Tenho um relatório completo das palavras que trocámos, pois tive o cuidado de levar um dos secretários do gabinete que assistiu à reunião.

«O sr. Reynaud, depois de ter feito várias considerações sobre o estado das tropas e a situação na frente, coisas que eu não ignorava, perguntou-me se a Grã-Bretanha consentiria em desligar a França do compromisso que este país assumiu declarando que não assinaria qualquer armistício ou qualquer paz separada sem o acôrdo do seu aliado britânico. Eu sabia perfeitamente que eram grandes os sofrimentos da França; sabia também que a Inglaterra não suportara, até aquela altura, uma provação semelhante e não mobilizara um exército numeroso como o exército francês. Apesar de entrar em linha de conta com essas considerações julguei de meu dever declarar que a Grã-Bretanha não poderia dar o consentimento pedido. Julgo ainda hoje que de nada vale acrescentar remoesos reciprocos aos males que estamos sofrendo. Mas a verdade é que eu não podia, de maneira nenhuma, aceder ao pedido formulado pelo sr. Paul Reynaud. Decidimos ambos que ele dirigisse um apêlo ao presidente dos Estados Unidos e que, se a resposta a esse telegrama não fosse de natureza a permitir-lhe a continuação da luta, nos encontraríamos de novo para tomarmos uma decisão de acôrdo com as circunstâncias que surgissem».

Esta a versão britânica do encontro de Tours. Segundo a versão francesa, o consentimento pedido que libertava a França do compromisso assumido com a declaração comum de 29 de Março, punha apenas como condição que a esquadra francesa não seria entregue aos alemães.

A AGONIA DO ENTENDIMENTO FRANCO-BRITÂNICO

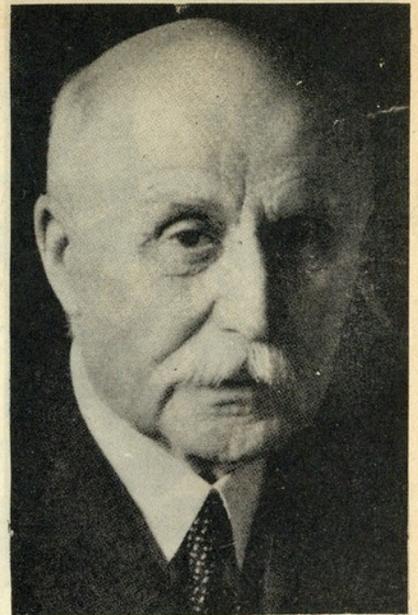
O dia 13 de Junho marca, de facto, o começo da agonia da Entente Cordiale. Essa agonia vai prolongar-se por nove dias no meio de episódios escandalosos ou dramáticos, os quais constituem um capítulo sensacional da história desta guerra. O Primeiro ministro da Grã-Bretanha recordava a declaração solene feita dias antes pelo seu colega francês: «O inimigo encontra-se às portas de Paris. Lutaremos adiante e atrás de Paris, encerrar-nos-emos numa das nossas províncias e, se formos obrigados a abandoná-la, iremos para o norte de África, ou em caso de necessidade, para as nossas possessões da América». Como conciliar esta declaração com o pedido de Paul Reynaud?

Este, entretanto, perante as divergências profundas que separavam os membros do seu gabinete, resolveu convocar um conselho de ministros. Depois duma acalorada discussão entre o ministro do Interior, Mandel, e o generalíssimo Weygand, sobre o problema da ordem pública na capital, onde os alemães entraram nessa noite, foi resolvido enviar a Roosevelt o pedido de auxílio que ficara assente na discutida entrevista que Churchill tivera com Paul Reynaud.

Nesse mesmo dia 13, Reynaud faz uma declaração radiodifundida em que afirma: «A França continuará a lutar até ao fim». O generalíssimo insiste pelo pedido de armistício. As opiniões estão cada vez mais divididas. Na manhã de 14, o governo parte para Bordeus. Com êle segue uma longa fila de automóveis que transporta numerosos parlamentares categorizados do regime. A partir de 15, o exército francês deixa de opor ao inimigo uma frente contínua ou mesmo uma resistência organizada. Os alemães avançam pela brecha de Champagne e atingem, com uma rapidez de relâmpago, Troyes e Roanne, Besançon e Pontarlier. A situação dum grupo de exércitos, o 2.º, encontrou-se, de repente, comprometida. Entre as tropas começou a circular o boato de que a guerra havia terminado. Tratava-se de um boato. Mas a verosimilhança desse boato era a própria evidência. O partido da resistência, em Bordeus, perdia terreno, de maneira que em nenhum espírito clarividente restavam dúvidas sobre o que se preparava. A presença do sr. Reynaud era o último obstáculo a remover para que os seus pontos de vista triunfassem plenamente.

A RESPOSTA AMERICANA

Que se passava, efectivamente? Na manhã de 15,



Pétain

o marechal Pétain pediu que fosse convocada, para a tarde, uma reunião do Conselho de Ministros e advertiu o presidente do Conselho de que apresentaria a questão do pedido de armistício. Nesse Conselho, o general Weygand foi o primeiro a usar da palavra propondo que fosse pedido um armistício imediato ao comando alemão. O sr. Reynaud manifestou-se, mais uma vez, pelo prosseguimento da luta e acrescentou que nenhuma decisão devia ser tomada antes de se receber a resposta ao telegrama que havia sido enviado ao presidente Roosevelt. Vários membros do gabinete emitiram o seu parecer e o chefe do governo chegou a anunciar o propósito de se demitir. O que depois se passou foi relatado também pelo Primeiro ministro da Grã-Bretanha na Câmara dos Comuns, onde fez estas referências:

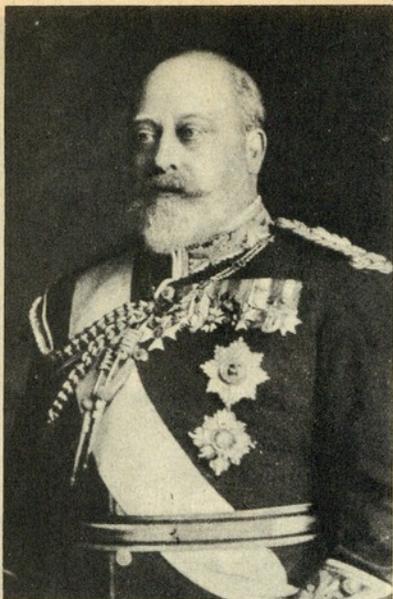
«Em 16 de Junho, recebi uma comunicação do sr. Reynaud, que já se encontrava em Bordeus, informando-me que a resposta americana não fora satisfatória. Nessas condições, solicitava-me que a França fosse desligada do compromisso formal que assumira ao assinar a declaração comum de 29 de Março. O gabinete britânico reuniu-se e assentou no texto da resposta a enviar ao governo francês.

«Nessa resposta afirmava-se que tendo em consideração o que a França já sofrera e atendendo à pressão crescente das forças inimigas, o governo de S. M. dava o seu consentimento para que a França procurasse saber quais eram as condições que o inimigo tencionava pôr para a conclusão dum armistício, devendo a esquadra francesa seguir para os portos britânicos enquanto durassem as respectivas negociações. Esta indicação significava, de maneira inequívoca, que o governo britânico estava decidido a continuar a luta e não queria assumir qualquer compromisso que derivasse do pedido de armistício formulado pelo governo francês. Nessa mesma noite (16), quando me preparava para seguir para França, a fim de me encontrar com o sr. Reynaud, a pedido deste, fui informado de que o seu governo estava demissionário e seria substituído por um outro da presidência do marechal Pétain. Este novo governo formava-se, expressamente, para formular o pedido de armistício à Alemanha. Nestas condições fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para nos assegurarmos, pelos meios apropriados, que a esquadra francesa não ficaria em condições de nos causar qualquer dano».

O ÚLTIMO ACTO DO DRAMA

De facto, na manhã de 16, depois de conhecida a resposta americana, reuniu-se em Bordeus um novo conselho de ministros. O marechal Pétain apresentou o seu pedido de demissão. Ficou assente que esse pedido não seria aceite sem se tentar uma nova diligência junto do governo de Londres. O conselho de ministros voltou a reunir-se às 5 horas da tarde. O sr. Reynaud recebeu, entretanto, uma proposta inesperada que leu aos seus colegas. Era do seguinte teor:

«Neste momento, o mais grave da história do mundo moderno, os governos do Reino Unido e da República francesa fazem uma declaração comum de união indissolúvel e de inflexível resolução para a defesa da justiça e da liberdade contra a submissão a um sistema que reduz a vida da humanidade



O Rei Eduardo VII e o Presidente Emilio Loubet que estabeleceram as bases da «Entente Cordiale»

a uma situação de escravos. Os dois governos declararam que a França e a Grã-Bretanha não constituirão, de futuro, tais nações mas uma união franco-britânica. A formação desta união traduzir-se-á na

organização de entidades comuns para a defesa militar, a política externa, a economia e as finanças. Todos os cidadãos franceses beneficiarão da nacionalidade britânica e vice-versa. Os dois países

assumirão, em comum, o encargo das reparações de guerra. Enquanto durarem as hostilidades haverá apenas um único gabinete de guerra, sob cuja direcção serão colocadas tôdas as forças de que a Grã-Bretanha e a França neste momento dispõem em terra, no mar e no ar. Esse gabinete de guerra terá a sua sede onde for necessário. Os dois parlamentos ficarão também estreitamente associados. As nações do Império britânico estão prontas a organizar novos exércitos. A União franco-britânica dirigirá um apêlo aos Estados Unidos para aumentar os recursos económicos dos Aliados e para trazer à causa comum o seu poderoso auxilio material. A União concentrará tôdas as suas energias contra o inimigo em todos os pontos onde a batalha possa ser travada. Assim venceremos.

Era uma proposta única na história. A Grã-Bretanha propunha-se constituir no futuro uma nacionalidade única com a França. O conselho de ministros francês não a aceitou. O sr. Reynaud declarou então: «Considero que não sou o homem que pode pedir um armistício à Alemanha e insistir para que a Grã-Bretanha nos desligue dos nossos compromissos. Talvez um dia a França volte a utilizar os serviços dum homem que fez da amizade e da aliança com a Inglaterra a base da sua política. Agora, resta-me apenas pedir a demissão». A Entente Cordiale terminara naquela reunião dramática.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Ultimo artigo da 1.^a parte deste notável trabalho de Carlos Ferrão
BALANÇO DE DEZ MESES DE GUERRA



UM ASPECTO DO BAILE promovido pelos Estudantes dos Institutos Comercial e Industrial de Lisboa, na Casa do Alentejo.



O SR. ENGENHEIRO PLINIO SILVA discursando durante a última assembleia da Auto-Mecânica de Portugal.



OS ESTUDANTES classificados em provas desportivas, após terem recebido os prémios durante a festa na Casa do Alentejo.



AS INDIVIDUALIDADES que tomaram parte no almoço de confraternização de transmontanos, no Circulo Eça de Queiroz.

De praticante de escritório a director dum Grande jornal Quem é João Pereira da Rosa

Uma reportagem de Mário Rocha

CERTA madrugada dum outono sereno e tranquilo, um trem, ferindo o silêncio da noite, subiu a velha rua Formosa e espêçou defronte do edificio do «Século». Era Silva Graça que voltava de uma das suas viagens a Paris e que, no regresso a casa, passava, como de costume, pelo jornal.

Surpreendeu-o, porém, ver um rasto de luz projectar-se, a hora tão adiantada, numa das janelas dos escritórios. Intrigado, mas disposto a desvendar aquêle pequeno mistério, desceu do carro e subiu. Foi encontrar ali, sózinho e debruçado sobre o trabalho, um rapazito de 14 anos, que empalideceu quando, entrando bruscamente, Silva Graça lhe perguntou:

— Que faz aqui?!
— Eu... estou a trabalhar...
— A estas horas?!...

Recobrando alento e refazendo-se pouco a pouco da surpresa, o garoto explicou que era pobre e trabalhava de dia noutra casa. A noite, estudava no Ateneu. Além de que o seu serviço, no «Século», estava atrasado e ele se demorara, por isso, mais uns minutos...
— Está bem! — E com estas palavras Silva Graça virou costas e desapareceu.

Foi isto há pouco mais de quarenta anos. O rapazito, de Évora, por sinal — era João Pereira da Rosa.

Aquêle garoto fôra, afinal, uma revelação para Silva Graça. E como êste tinha o mérito de descobrir aptidões, pareceu-lhe ver no rapaz alguma coisa mais do que um João ninguém que precisava de ganhar o pão de cada dia. E interessou-se pela sua sorte.

A partir do dia seguinte, as condições de vida do modesto praticante de escritório foram-se modificando. Percorreu, sucessivamente, toda a escala dos serviços de administração do jornal e, desde a simples e elemental colagem de cintas e os registos de

anúncios, correspondentes e agentes até aos lançamentos mais complexos da contabilidade, o «Século» acabou por não ter segredos para êle. Dai a uma dezena de anos, se tanto, numa ascensão vertiginosa e brilhante, Pereira da Rosa era inspector geral das oficinas — um lugar dos de maior confiança de Silva Graça.

Quando, há pouco tempo ainda, na intimidade do seu gabinete de trabalho, recordava a um amigo, à distância de tantos anos, aquêle instante decisivo da sua vida, o actual director do «Século», homem enérgico e combativo, que nasceu para lutar e não conheceu nunca a palavra «côrdia», teve um momento, humano, de fraqueza — e comoveu-se.

A pequena história dum bilhete postal

A carreira d'êste homem excepcional, que em muitos passos se assemelha à de certos magnatas da imprensa norte-americana, que começaram por vender jornais nas ruas de Nova-York, tem o sabor dum empolgante novela cinematográfica. E tão estreitamente ligado anda o aliciante romance da sua vida à demorada existência e às tradições do «Século», que é difícil, se não impossível, falar de João Pereira da Rosa sem invocar o nome do grande matutino lisboeta.

Homem que entrou na vida com os seus humanos anseios de triunfo — e venceu — deve em todo o caso à trajectória corrente dum simples bilhete postal a directriz do seu destino. Pereira da Rosa entrou para o «Século» por intermédio dum anúncio vulgar: «Praticante de escritório, precisa-se». E quando um dia, no modesto quarto que habitava num quinto andar da rua dos Cavaleiros, recebeu o bilhete que o convidava a ir ao jornal de Silva Graça, talvez não presentísse que as secas linhas do postal «... queira apresentar-se às tantas horas na Administração do «Século»... ditavam a sua sorte e encerravam o destino da sua própria existência.



O director do «Século» começa o dia, ainda em casa, a ler o seu jornal e os outros matutinos lisboetas.

Ninguém sabe, nem êle mesmo, se o presentiu. Mas quem se lembraria de guardar nos seus papéis de rapaz, a bem dizer sózinho nesta Babel que é Lisboa, documento tão insignificante? P. is esse postal, hoje em poder dos filhos, conservou-o Pereira da Rosa muitos anos, como pergaminho valioso, entre as coisas que mais estremeia. O instinto segredava-lhe que o guardasse.

Um episódio do tempo da outra guerra

Durante muitos anos até os seus últimos momentos de vida, a que assistiu, em França, Pereira da Rosa foi amigo pessoal e o homem de confiança de Silva Graça. Por isso recebeu d'êle «carta branca» — e a organização jornalística do «Século», citada cá fora, nas outras redacções, como modelar e fruto do espirito empreendedor de Silva Graça, é, em parte, obra do homem que dirige hoje os destinos do grande jornal.

Em tudo Pereira da Rosa soube responder à confiança do homem que o «descobriu» anos atrás. Reorganizou e remodelou todos os serviços, em condições de deixar as oficinas de impressão e composição, de gravura e estereotipia, que fizeram escola, à altura dum grande jornal do nosso tempo.

O próprio director de «La Prensa», de Buenos Aires (o que morreu há anos e era pai do actual director do grande jornal argentino) não pôde ocultar a sua surpresa, quando, no regresso duma viagem pela Europa, esteve no «Século» e viu ali, segundo êle disse, o que não viu em nenhum dos grandes jornais que visitara no velho continente.

A obra de Pereira da Rosa estava à vista. O «Século» era para si como que um desdobraimento da sua própria casa. Entregou-se-lhe de alma e coração. Percorria, dia a dia, todas as dependências do jornal, descia às oficinas, misturava-se com os operários, falava e trabalhava com êles. Não

havia máquina nem peça de ferramenta que não conhecesse como os próprios dedos.

Este curioso episódio, que ouvimos outro dia a um velho operário lá da casa, serve para ilustrar a afirmação: Quando Portugal entrou na outra guerra, estava o «Século» a instalar as suas grandes rotativas, sob a direcção de técnicos alemães. Em dada altura os homens desapareceram, por terem sido repatriados ou enviados, como sucedeu a tantos outros, para os Açores, e a montagem ficou em meio. Era um problema grave que surgia! Pois foi Pereira da Rosa, com os poucos elementos que tinha ao seu dispor, quem chamou a si essa tarefa e acabou por instalar as grandes máquinas em que ainda hoje se imprime o «Século».

Campanhas que ficaram célebres

De simples praticante de escritório por que começou no «Século», ascendeu a sub-director e foi sócio de Silva Graça. Mas um dia, vinte e dois anos depois de lá ter entrado, Pereira da Rosa abandonou o jornal e embrenhou-se no mundo dos negócios.

O «Século», entretanto, passara pela Moagem — ou a Moagem pelo «Século»... Mas, em 1924, à frente dum grupo de accionistas, Pereira da Rosa voltou ao seu jornal na qualidade de administrador-delegado, como filho pródigo que regressa a casa. Foi no tempo em que o dr. Trindade Coelho dirigiu a gazeta.

Quando ali entrou de novo, no período mais grave da vida nacional, foi encontrar o jornal, a bem dizer, quasi sem leitores e sem prestigio. Em menos de dois anos conseguiu remover os escombros sob os quais o «Século» agonizava e voltou a fazer d'êle o jornal português mais popular.

As suas campanhas, que nessa época agitaram o País e despertaram a consciência nacional, ficaram célebres. São das páginas mais gritantes do jornalismo português, essas em que



Uma hora tranqüila de leitura no mirante da residência de Pereira da Rosa.

o «Século», com um desassombro e uma coragem nunca vistos na imprensa, desmascarou as camarilhas políticas do tempo e pôs a descoberto, denunciando ao povo os seus algozes, uma série de negociações escandalosas que defraudavam o Estado e sugavam a economia da Nação. Em todas essas campanhas, quer contra os desvairamentos dos governos que ameaçavam inutilizar a actividade nacional; quer contra os interesses nem sempre confessáveis das grandes indústrias, que tinham Lisboa e o resto do País à sua mercê; quer ainda contra o famigerado «negócio» das senhas progressivas—em todas elas se conhecia o «dedo do gigante». Era Pereira da Rosa quem as orientava e dirigia. Por isso é que o homem mais odiado do tempo. A mais célebre, porém, pelas gigantescas proporções da burla, foi a campanha contra os falsários do Angola e Metrópole, que os meteu a todos na cadeia.

Mas todas elas lhe criaram as inimidades mais odiosas e lhe valeram as mais graves ameaças. O «Mundo», o «Correio da Manhã», enfundados às camarilhas partidárias; e a «Batalha», manejada pela C. G. T., ali no velho casarão dos Paulistas, que, naquela época desvairada, tinha seu quê de trágico e de sinistro—enveredaram até pelo insulto directo e pessoal. Nada fez recuar Pereira da Rosa. Nem a

cando inconfessáveis interesses das grandes indústrias...

Nessas célebres e tumultuosas sessões da Associação Comercial, que se arrastaram durante quasi dois meses e tiveram grande retumbância no País, o director do «Século» foi rude e, por vezes, deslealmente atacado. Teve de defender-se com «unhas e dentes», como é próprio o confessava mais tarde. Em cinco longos discursos que ficaram famosos e que ocuparam, por completo, outras tantas sessões, Pereira da Rosa defendeu-se, atacando a fundo os seus inimigos, que eram muitos e poderosos, e inutilizou, um a um, os planos maduramente tecidos pelos seus acusadores.

Ele próprio escreveria mais tarde, certo e seguro de ter vencido aquela rude batalha que se ferira na Associação Comercial: «Os meus filhos saberão um dia como eu zelei o nome que lhes lego e como acadi os pingos de lama com que quiseram salpicá-lo». E reuniu num volume os seus discursos.

Vem a propósito citar, por curiosidade, uma passagem de um desses discursos, em que Pereira da Rosa profetizou, a distância de uma dúzia de annos, a conflagração actual. Discutia e reconhecia a necessidade da modificação aduaneira, que a Grã-Bretanha adaptara depois da Grande Guerra.



Os «notáveis» do jornal «O Século» em 1919. No primeiro plano, o director de então, Silva Graça, tendo à direita João Pereira da Rosa e à esquerda Silva Graça (filho), sub-directores. Em pé, o poeta Acácio de Paiva, director do antigo «Século Cómico», António Maria de Freitas, secretário geral, e Ricardo Cardoso, tesoureiro do «Século».



Uma fotografia «histórica»... Pereira da Rosa e José da Silva Graça, sub-directores do «Século», em Novembro de 1918, a caminho do Governo Civil, onde ficaram presos por causa dum greve de operários tipográficos que impediu a publicação dos jornais durante dois dias. Reconhecem-se nesta «foto», além de Pereira da Rosa e Silva Graça (filho), Tito Martins, Jorge de Abreu, Eduardo Fernandes (Esculpiço), Júlio de Almeida e Jorge Grave.

cadeia (e esteve preso por causa da campanha contra o «famoso» decreto da selagem, em Agosto de 1924), nem o perigo de cair varado por uma baía (e viu a morte perto de si várias vezes e, por exemplo, quando salvou o industrial Alfredo da Silva, alvejado a tiro e à bomba à porta de sua casa) o desviaram um palmo sequer do caminho que encetou sem tibezias.

As suas campanhas, as famosas campanhas que o «Século» sustentou contra a corrupção que atastrava no País, tiveram na vida nacional uma projecção extraordinária. E foram elas, sem dúvida, que prepararam o ambiente que gerou o levantamento do Exército em 28 de Maio.

A famosa questão dos Interesses Económicos

Em dois annos, Pereira da Rosa conseguiu desencadear à sua volta uma verdadeira tempestade de ódios e de paixões. Aquêles que atacou a fundo e atingiu em cheio—não lhe perdoaram. E um dia, já director do «Século» desde Junho de 1926, éle foi à barra da Associação Comercial defender-se dos seus acusadores. Era ao tempo da «famosa» União dos Interesses Económicos, que quasi não dera um chavo para a compra do «Século» à Moagem e veio depois considerar «seu» o jornal para ajustar contas com Pereira da Rosa, que os usara defender os interesses legítimos do homem da rua ata-

E esclarecia:

— «A Inglaterra apenas adoptou este critério para certos e determinados artigos, como o poderia ter feito para material de guerra, aeroplanos e todos os outros de que necessita para estar preparada para uma futura guerra que, apesar da Sociedade das Nações, não deverá estar longe».

O homem que conseguiu ser profeta na sua terra era-o também em terra alheia...

O dia do director do «Século»

Vai para dezasseis annos que Pereira da Rosa se instalou no gabinete da direcção do «Século»—um gabinete confortável mas sóbrio de decorações, com um retrato de Silva Graça no lugar de honra. E há dezasseis annos que os dias se repetiriam, monótonamente iguais, se as iniciativas e as campanhas do jornal, as obras que éle acarinha e patrocina, toda a múltipla actividade, enfim, dum grande órgão da opinião pública, não renovassem a atmosfera do seu gabinete de trabalho.

Um dos seus primeiros cuidados, logo que rompe o dia, é ler, ainda em casa, o «Século» e a colecção dos outros jornais da manhã. Nessa leitura, a hora tão matinal, não lhe interessa apenas a actualidade febril da hora que passa. Interessa-lhe também tomar contacto, manhã cedo, com o dia-a-dia do seu jornal, assinclando

mentalmente as «falhas», que por via de regra são raras, e os triunfos da gazeta, que têm de ser constantes.

No seu gabinete do «Século»—verdadeiro cérebro do jornal—está em permanente contacto com a larga rede de serviços que se estendem pelo vasto edificio e sabe, sempre que o exija, o rendimento de trabalho e o movimento financeiro de todas as secções. É por isso que logo de manhã—e a visita repete-se depois do almoço—recebe dois administradores do jornal, Carlos Alberto Pereira da Rosa e Frederico Pavão, o seu homem de confiança, que lhe apresentam a avalanche de números que se acasalam nos balancetes diários.

A tarde, à hora do expediente da redacção e da secretaria, recebe os respectivos chefes de serviço. E na presença do dr. Guilherme Pereira da Rosa, sub-director, com Acácio Pereira, chefe da redacção e um mestre do jornalismo, e António Maria Lopes, um chefe de secretaria como poucos, o director faz como que a censura de

número do dia e julga os assuntos que interessam à vida do jornal. E dão-se ordens que se executam com a rapidez do relâmpago.

Nas restantes horas do dia occupa-se o director do «Século» com os mil e um problemas ligados à existência trepidante dum grande jornal como o seu. Recebe Adelino Mendes, jornalista brilhante, prosador vigoroso e de personalidade bem vinculada, que é o portavoz das opiniões e das doutrinas do «Século»—e do seu director. E recebe ainda, porque não há nenhum entre alguns centenas dos seus empregados que não atenda, o redactor mais categorizado ou o simples aprendiz das oficinas que o procure, seja por uma aspiração, seja, às vezes, até, para reparar uma injustiça.

Os problemas de interesse nacional que o jornal agita; a Colónia Balmear Infantil, enternecedora obra social que mantém e acarinha; as reformas do pessoal; a expansão da «Editorial», sem a qual, com a presente crise, seriam dispensados muitos operários grá-



A hora do café, no terraço da residência do director do «Século», com sua esposa, nora e filhos, que trabalham com éle no jornal.

ficc — constituem, entre tantas outras preocupações quotidianas, a razão de ser da presença constante que o director do «Século» marca no jornal.

Fora das horas absorventes do jornal tem uma paixão que o acompanha desde a juventude: o automobilismo. É o português mais viajado em estrada, pois a bem dizer nunca utilizou um comboio. As estradas da Europa, que há cruzado, vezes sem conta, em todas as direcções, não têm segredos para ele. A bagagem que o acompanha sempre reflecte o método e a disciplina que, desde novo, se impôs na vida. E qualquer coisa de perfeitamente modelar e o orgulho, justificado, do turista que não sabe dispensar nas suas longas viagens de estudo ou de recreio nenhuma das comodidades e exigências a que se habituou.

O complemento duma obra de perseverança e de vontade

Pode dizer-se, em complemento dos escassos subsídios que aí ficam para quem tentar, mais tarde, escrever a sua biografia, que a obra que Pereira da Rosa ergueu no «Século» se concluiu no dia em que integrou os filhos na luta-luta quotidiana do jornal. O mais velho — o dr. Guilherme, na ex-

pressão corrente e simples de quantos lá trabalham — ocupa hoje o lugar de Manuel Guimarães, esse jornalista de raça que a morte foi encontrar no seu pósto, que ele nunca abandonava. É o sub-director e cumpre-lhe, por dever do cargo, manter estreito contacto entre os serviços da Redacção e o gabinete do pai. O outro, Carlos Alberto, debruça-se na teoria infundável dos números da Administração e vibra, como nas especulações da Bolsa, com as altas e baixas do papel.

Inteligentes e pleróticos de mocidade, sobre ambos impenderá, porém, um dia a tarefa pouco invejável de continuarem a obra e o nome do pai, que nasceu ninguém e soube lazer do trabalho — a mais nobre das aristocracias.

Viaj MUNDIAL
Illustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.



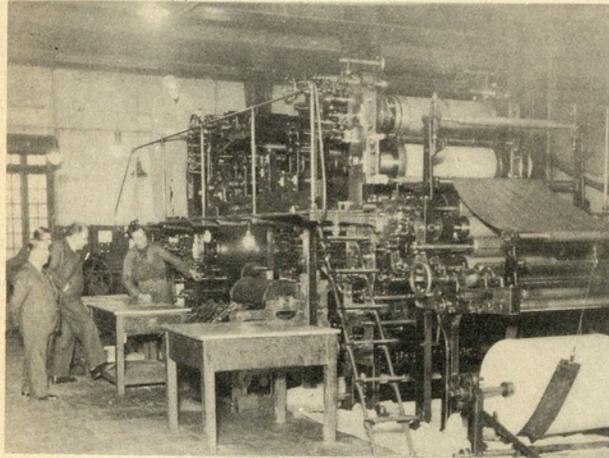
O SR. COMANDANTE ALVARO MORNA, novo governador de Angola, recebendo à sua partida para aquela colónia, os cumprimentos do secretário do sr. Presidente do Conselho.



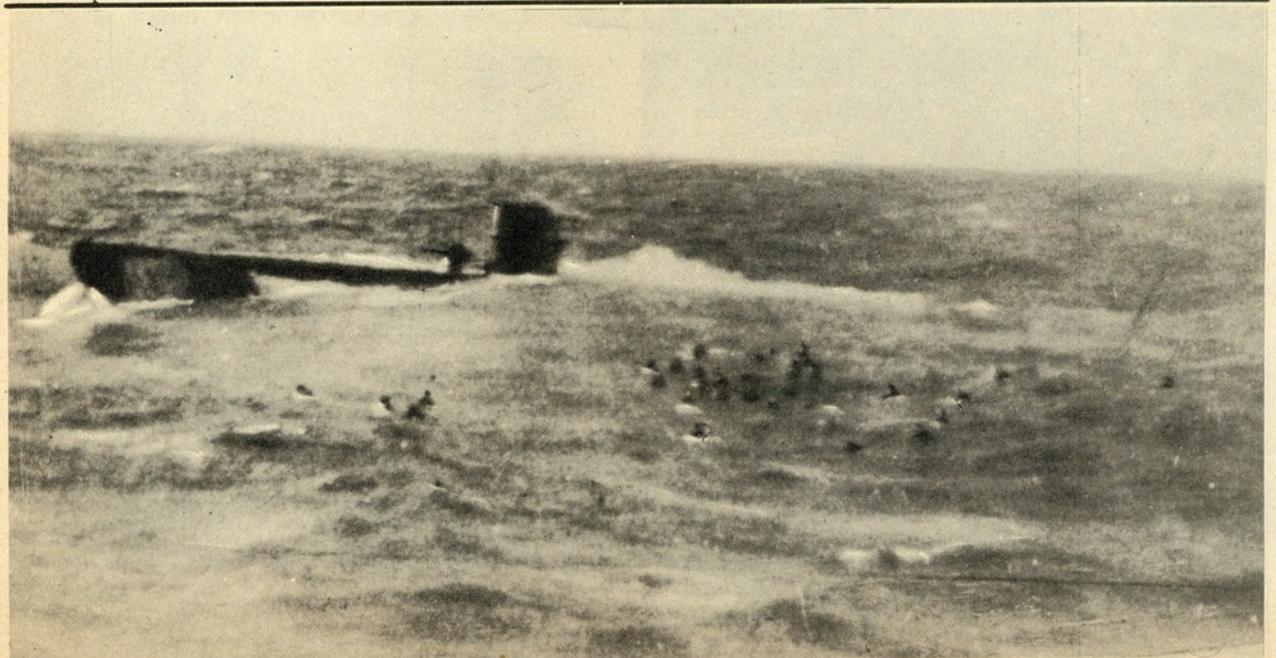
UM ASPECTO DA VISITA DA IMPRENSA à Exposição Técnica Alemã, inaugurada, com grande interesse público, nas salas do Instituto Superior Técnico.



A CAIXA DE PROVIDÊNCIA dos Profissionais de Imprensa de Lisboa inaugurou há dias, na sua sede, uma magnífica exposição de arte, onde se encontram belas produções, cedidas gentilmente pelos artistas, para venda ao público: em condições muito vantajosas. A foto mostra-nos um aspecto da inauguração, vendo-se, entre as individualidades presentes, os srs. sub-secretários de Estado da Educação Nacional e das Corporações.



Uma inspecção à casa das máquinas onde estão as grandes rotativas que o actual director do «Século» ajudou a instalar.



AS TRAGÉDIAS DA GUERRA NO MAR — Um emocionante aspecto de afundamento dum submarino, vendo-se os tripulantes à superfície das águas.



A ACTRIZ AURA ABRANCHES fazendo a apresentação dos modelos na I Exposição de Modas e Adornos de Senhora, na União de Grémios de Lojistas.



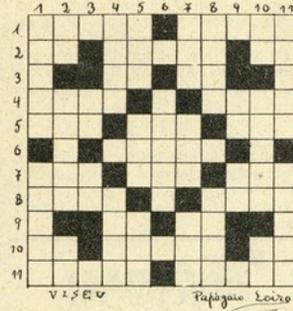
O CHEFE DO ESTADO e os ministros do Interior, da Educação Nacional e das Obras Públicas no acto inaugural do Museu da Cidade, no Palácio da Mitra.



UM ASPECTO DA COMUNHÃO aos reclusos da Penitenciária de Lisboa.

VARIEBABLES

PROBLEMA N.º 22



pano, sobre que se ajustam os punhos e o colarinho; Gracejar. 6—Burro de um ano. 7—Também; Grande quantidade; Planta frutífera do Brasil. 8—Alimentação; Mais mau. 9—Afinal; Jornada. 10—Produz; Faísca de terra que liga duas partes dum continente; Estragada. 11—Ave semelhante à andorinha; Prazer entre desgostos.

(Solução do problema n.º 21)

HORIZONTAIS: — 1—Hálito; Banano. 2—Atar; Além. 3—Batela; Tamuge. 4—Ixe; Ornis; Rir. 5—Toga; Vasa. 6—Osória; Atirar. 8—Tapigo; Paloma. 9—Atam; Amor. 10—Par; Piaba; Ide. 11—Elevar; Utenas. 12—Regi; Lata. 13—Ulemas; Orário.

HORIZONTAIS: — 1—Padece; Namorada. 2—Artigo (pl.); Pequeno cabo náutico para alar; Outra coisa. 3—A nós; Existe. 4—Ociosidade; Agrupa. 5—Altar; Porquê; Meio. 6—Consumia. 7—Espaço de dōze meses; Salutar; Intimo. 8—Parte rosada das faces; Vaidade. 9—Abreviatura de Senhor; Quadrúpede de marcha muito vagarosa. 10—Artigo (pl); Criança; Nota musical. 11—Ter tonturas de cabeça; Distintivo de nobreza.

VERTICAIS: — 1—Hábito; Taperu. 2—Axos; Atal. 3—Látego; Parere. 4—Ite; Arbm; Vem. 5—Talo; Paga. 6—Orária; Omiris. 8—Batida; Pábulo. 9—Alas; Atar. 10—Nem; Viela; Eta. 11—Amurar; Ominar. 12—Gisa; Moda. 13—Oberar; Aresto.

VERTICAIS: — 1—Fende; Jogo dianteiro das carrêtas de artilharia. 2—Artigo (pl.); Nome do planeta mais distante da terra; Nota musical. 3—Contração de preposição e artigo; Artigo (pl.). 4—Pancada; Insignia heráldica, em forma de X. 5—Renque; Tira de

A ESFERA MISTERIOSA

Por absoluta falta de espaço, não podemos inserir hoje o nosso habitual folhetim «A esfera misteriosa», cuja publicação continuará no próximo número.



— Ó filha, as batatas no vaso nascem atrofiadas...
— Ora, também a tia nasceu num bêco e é o que se vê...

(Desenho de Stuart)



« A MÃE »
Escultura do artista italiano
Domenico Ponzi

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

POUCAS vezes, como agora, temos atravessado um período tão eminentemente conferencista. As conferências sucedem-se, com iniludíveis sinais de epidemia. Um dia destes, só para esse eloquente e tenebroso dia, os jornais anunciavam — 17! Atingiu-se o delírio, a neurose, a loucura. João do Rio gritava, certa ocasião, em plena capital brasileira assolada pela mesma doença grave:

— Basta de conferências! Emudecei o mundo, ó Deuses...

De começo tínhamos discretamente uma por semana; o número, em breve, aumentou para duas; as duas multiplicaram-se por cinco; o produto da multiplicação redobrou — e hoje temos, nada mais nada menos, do que uma conferência por hora. Há conferências acerca de tudo — e de nada. Por qualquer coisa faz-se uma conferência. Nos teatros, nos cinemas, nos salões, nas casas de bar, de casa ou simplesmente de pijama, os oradores surgem, quando menos se espera, de papel em punho, conferenciando. Basta de conferências, veneráveis Cíceros lisboetas! E agora se me dão licença, vou interromper esta crônica porque tenho de conferenciar com o senhor Comandante da Polícia — para ser será possível ele proibir as conferências e mandar reduzir ao silêncio os conferentes...

AQUILINO RIBEIRO

O autor da *Via Sinuosa* apareceu, há dias, em pleno Chiado, de fato novo. Cumprimentámos o ilustre romancista pela sua última e brilhante encadernação.

O PAI DO REGIMENTO

JÚLIO Ferreira, assíduo frequentador da «Brasileira» do Chiado, contou-me, há dias, este episódio passado com certo oficial que é hoje brigadeiro. Um grupo de recrutas estava reunido na parada do quartel a fim de lhe ser passada revista pelo comandante. Depois da revista, os recrutas formaram em círculo e o coronel dirigiu-lhes a palavra:

— Se-de bemvidos à nossa grande família. E preciso terdes confiança nos vossos chefes. Eu aqui sou o pai do regimento, o pai de vós todos. Perceberam bem?

Imediatamente um dos recrutas:

— Eu percebi, papá!

SESIMBRA

O meu amigo Joaquim Rumina, escondido sob o pseudónimo de J. Preto Guerra, acaba de me enviar um pequeno opúsculo sobre Sesimbra. Sesimbra é uma das paixões deste homem, verdadeiro arrábido eremita a quem o Destino concedeu a dádiva de morar por cima do *Leão de Ouro*...

BOA VIDA, PORTUGALI

INTITULA-SE *Boa vida, Portugal!* a fantasia em dez quadros da autoria de Artur Inez, Jaime Graça e Fernando Pampulha, que subirá brevemente à cena no Salão República. A música é de Carvalhão Duarte e a empresa será financiada por António Maria de Carvalho.

Largas prosperidades à nova organização.

ROCHA MARTINS, CANTOR DE HISTÓRIAS



As armas e os barões assinalados.

Que da alegre pousada lusitana.

Por vinhos nunca dantes já provados.

Passaram ainda além da Carraspana.

Em balanços e médos esforçados.

Verdadeiros homens duma cana.

E entre gente remota plantaram

Cepas de oira que tanto sublimaram.

E também as memórias viciosas

De todos quantos foram deporados

O semelhante, em horas gloriosas.

Os que sorrindo amaram e, amando,

Encontraram graças deleitosas

Por entre rendas futeis palpitando.

Escrevendo, espalharei por aí a papel!

Se tiver editores, tinta e papel!

(Dos *Novos Lusíadas*, do egrégio historiador Rocha Martins)

FORMICIDA

UM português, residente no Brasil há muitos anos, alcançou ali razoável fortuna e resolveu comprar, num dos estados do interior, uma grande propriedade.

Deixou os seus negócios na cidade, adquiriu a fazenda e deitou-se resolutamente à sua nova actividade de lavrador.

Entre os seus empregados, havia um homem, muito habilidoso, que para tudo arranjava remédio, tendo, por esse motivo, criado fama em todas as terras das redondezas.

Um dia, o proprietário, notando que a casa estava cheia de formigas, chamou o homem e recomendou-lhe que comprasse pó de formicidas para dar cabo daquela praga.

O caipira não estava de acôrdo. Gastava-se muito dinheiro com os tais pó — dizia êle. E alvitrou logo:

— Eu cá tenho um processo, patrão. A gente põe uma pedra nos formigueiros. Deita-lhe depois, à frente, um bocadinho de pimenta. As formigas vão passando, cheiram a pimenta, espirram, batem com a cabeça na pedra — e morrem mesmo.

ELA É A OUTRA ?

ALICE Ogando escreveu agora uma peça em três actos que intitulou: *Eu sou a outra*. Mas se ela é a outra, pode perguntar-se: quem será ela? Será, por acaso, a Mary Love?

CANDEIROS DE PETRÓLEO

O racionamento da luz eléctrica veio ressuscitar o candeiro de petróleo. Nestas circunstâncias, tomo a liberdade de lhes aconselhar a receita que me deu, há pouco, o humorista Raül da Costa: «Se o candeiro tiver mau cheiro, limpa-se muito bem, espevita-se a torcida, e vai-se, depois para a bicha do petróleo, à espera que chova.»

TORRADOS

AEspanha tem um autor espanhol, aliás muito representado, que se chama *Torrado*. Portugal, para lhe não ficar atrás, também tem o seu torrado, o nosso amigo Alberto Barbosa. *Torrado*, pelo menos, na tonalidade da cutis.

OS GALOS

SEGUNDO dizem os jornais venderam-se em 36 horas, 20 minutos e 15 segundos, 2.500 exemplares do recente romance de Augusto da Costa *Galo Doido*. Não imaginávamos, confessamos, que houvesse em Lisboa tanta capoeira literária!

ANONCIOS

NA América do Norte acaba de se inventar uma nova forma de anúncio: nos joelhos das mulheres. A mulher entra numa casa de chá ou num «eléctrico», curva a perna, puxa a saia — e o anúncio está no joelho. Qualquer comentário será supérfluo.

OS MARIDOS

ANA Colaço, Rodrigo de Melo e Humberto Mergulhão escreveram uma peça em três actos a que deram o título de *Marcido*. Foi proibida. Quere dizer: estão proibidos os maridos... O que vai ser das raparigas solteiras?

EXCESSO DE RETÓRICA

CONTA-SE que durante um acalorado debate nos Comuns, em Londres, um parlamentar exclamou, num magnífico gesto de oratória:

— O leão britânico não baixará os seus chifres, nem se encolherá na concha, enquanto não obtiver a vitória sobre o adversário!

MULHERES BONITAS

QUANDO uma mulher bonita nos pergunta se achamos bonita outra mulher, devemos responder-lhe sempre: — «Não é feia!» De contrário, será o fim do mundo.

O QUE SERÁ ?

Aacriz de cinema Lili Damita divorciou-se do actor cinematográfico Errol Flynn. Motivos do divórcio: crueldades mentais. Que será isto? Muitas coisa se ignora neste século!

Luis S. Oliveira Martins



CHAPÉU *Palmares*

O chapéu português de maior categoria!

VENDEDORES EXCLUSIVOS

LISBOA — PHEBUS — RUA DO OURO, 287

PORTO — MILORDE — R. S.^{TA} CATARINA, 208

COIMBRA — FERREIRA & FONSECA

e em todas as cidades e vilas do
PAÍS, ILHAS E AFRICA PORTUGUESA

panorama internacional

Horas de febre

por Francisco Velloso

VIVEMOS uma hora de interrogações vibrantes, neste momento da situação internacional. Pode, à primeira vista, supôr-se que numa afirmação como esta, apenas existe a enfação de um lugar comum. No entanto, ela resume com exactidão a realidade de uma conjuntura sem precedentes. Quando a Inglaterra, em 39, se decidiu a continuar a guerra, também se desenhou uma interrogação e nela a dubitativa era tãda a favor da Alemanha. Quando, mais tarde, aí pelos meados de 40, as tergiversações norte-americanas encostaram ao muro de um grave dilema a resistência britânica no mar e no ar, a interrogação foi ainda a favor do Terceiro Reich. E só deixou de o ser ao fim de 41, quando a Rússia surgiu a barrar a ofensiva alemã de invasão. Então o fiel da balança começou a marcar uma tendência instável de equilíbrio. A interrogação repartiu-se quasi meio por meio. Agora, ela divide-se, à semelhança das duas caras de Jano. perante a hipótese de uma anunciada ofensiva alemã, parece a de uma, também anunciada, ofensiva dos aliados. E eis o facto novo da guerra, numa fase que pode não ser a derradeira, mas que, sem dúvida alguma, se aproxima das decisões que prognosticarão a vitória futura dos exércitos em luta.

OS DOIS COLOSSOS



MARSHALL

Dentro d'êste facto novo seguiu a evolução dos acontecimentos da oitava. Um jornalista espanhol actualmente em Berlim, numa carta para o seu diário de Saragoça, assim narra a chegada das cegonhas provindas das migrações do sul, e talvez por chiste, talvez por símbolo, via no facto dessa vanguarda de primavera (quarenta e nove cegonhas, exactamente, numerava êle) haver chegado em perfeita formação às tôrres do Reich, desde a África meridional, uma prova de que os caminhos dos ares estão desimpedidos, ao advento da primeira estação do ano que, durante tantos e tantos dias, foi anunciada como sazã própria para o desencadeamento da ofensiva alemã.

Precisamente no dia 22, um pomemorizado relato da *Havas*, expedido de Berne, descriminava diversas armas novas com que o exército alemão estrearã o seu assalto, conduzidas em massa para leste em combóios e combóios especiais, partindo de quarto em quarto de hora sôbre os do comum do tráfego.

Estas e outras minúcias, muitas vezes usadas para impressionar um ambiente de expectativas ou de temor na opinião pública, quasi coincidiã com notícias mais frequentes de desembarques de novos contingentes canadianos e americanos na Inglaterra, e de descargas de material em Murmansk, o pórtio da Rússia setentrional onde desde o principio do ano mais retravada tem ido a luta russo-germânica, no mar, no ar e em terra, em tôrno dos abastecimentos aos exércitos de Timochenco. Os comunicados oficiais de leste continuan a denotar em tãda a vastíssima frente um enfuzamento mais nervoso de ataques e contra-ataques, assãs probatórios de que as massas acumuladas pelos alemães começam a empenhar-se de encontro às posições extremas que os russos puderam ocupar durante a campanha de inverno. Estes recrutescimentos ainda não revelam, porém, mais do que isto. O desgelo começou, e assim como se acenava para a primavera com o ribombante estrondo duma ofensiva germânica que tomaria pela gorja o colosso russo, assim agora nos aconselham que aguardemos que a terra seque para vermos o espectáculo inaudito de uma guerra de monstros como aquelas em que no antedilúvio se estaçalhavam horrendas feras que um cataclismo terráqueo sepultou para sempre.

Um crítico militar dos mais autorizados escrevia nos meados de Fevereiro: «A exploração do inverno como meio estratégico representa a grande chance dos russos. O inverno pode tornar-se um meio militar de tão extenso e surpreendente alcance como o exército de choque motorizado no principio da campanha. O fenómeno de uma superioridade fundada num monopólio, que era o caso do exército alemão quando êste dispunha sôzinho de uma motorização radical, é susceptível de se reproduzir se os russos, sôzinhos, puderem utilizar o inverno. Porque os alemães não estão preparados para a campanha de inverno nem em vestuário, nem em equipamentos nem em armamento e as improvisações sem sempre perigosas e incertas. Em todo o caso, a acção russa impede os alemães de tirarem partido do inverno para um restauro de forças e de aproveitarem o inverno

para empreendimentos em outros campos de batalha».

Esta transcrição serve para orientar a apreciação dos resultados da campanha de inverno e poderemos avaliar a seu tempo a soma dos meios e recursos que os dois adversários vão pôr à prova e sôbre os quais mantêm obtinado segredo.

O PROBLEMA DE 1942



RUNDSTEDT

A persistência russa na batalha de leste é ainda o fulcro dos aliados. A medida que o tempo corre (e o trecho transcrito esclarece-o), mais evidente aparece que se não existisse, todo o plano da guerra se teria modificado desfavoravelmente para os inimigos da Alemanha, e que não seria possível o surgimento, a que estamos assistindo, daquele *facto novo* a que aludimos, de uma ofensiva aliada em preparação, fruto das conferências realizadas em Londres entre o general americano Marshall, acompanhado de Harry Hopkins, e os chefes políticos e militares ingleses.

Não se trata já de uma hipótese, mas de uma resolução imposta pelo desgaste pavoroso da guerra que dificilmente poderá prolongar-se, e permitida pelo aceleramento a todo o transe da produção norte-americana. Ora, esta decisão aliada criou a guerra mundial perspectivas novas. E o estado-maior alemão tomou-as a sério. No dia 16, rebentou a notícia de que von Rundstedt seguiu para o importante Quartel General em França. Possivelmente aventava-se — foi substituído o marechal de Campo von Witzleben, que comandava o exército alemão de ocupação. As forças alemãs em França seriam formadas por 20 a 23 divisões, com um efectivo de cerca de 340 mil homens, todos da segunda linha.

Entre 20 e 22, o grande cabo de guerra alemão, que é porventura, a maior revelação do Reich nesta guerra, reservada até à pouco à campanha de leste, andava pela Bélgica e pela Holanda em inspecção geral às linhas de defesa e logo depois era ordenada a evacuação de propriedades agrícolas entre o Sambre e o Mosa. A 22, forças britânicas efectuavam nova punção sôbre a costa francesa de Boulogne. Como se vê, há factos concretos de precaução activa.

E assim surde o aspecto inicial que vai caracterizar o terceiro ano da guerra: — Pode o exército alemão lançar-se exclusivamente con-

tra a Rússia antes de se garantir as retaguardas ocidentais? Uma ofensiva dos aliados, criando eventualmente uma nova frente, ou, pelo menos, uma série de acções militares demonstrativas, não perturbou já, embora no terreno das hipóteses verificáveis do *Kriegspiel*, provocando modificações nos dispositivos e sobretudo no plano dos meios disponíveis?

Segundo transluziu de algumas referências, necessariamente escasas, que a imprensa inglesa e americana publicou, as conferências de Londres propuseram três espécies de problemas que vamos reproduzir nos próprios textos: — 1.º «Para onde devem ser enviados os fornecimentos de guerra britânicos e americanos? Quando e onde podem os aliados atacar neste ano crucial? Os alemães e os japoneses contam atacar com todo o seu poder antes dos aliados terem atingido o seu potencial completo, enquanto ao mesmo tempo tantas tropas aliadas são obrigadas a guarnecer zonas que não estão directamente ameaçadas. O trabalho dos aliados é opôr ao supremo esforço inimigo um esforço equivalente. Há muitos meses que os aliados estudam, pensando o pior do inimigo, exagerando mais do que calculando mal a sua força; —

2.º «Nas conferências foi discutida a questão de prioridade para diversas acções possíveis contra a Alemanha, a Itália e o Japão. As comissões anglo-americanas estabeleceram não só um programa de estratégia mas também de produção; — 3.º O factor que limita as possibilidades dos planos dos aliados é o transporte. A construção naval britânica que no ano passado atingiu notável quantitativo de produção está agora a ser superada pela construção naval americana, e as grandes frota necessárias para uma ofensiva em grande escala estarão já disponíveis dentro de alguns meses. Os fornecimentos britânicos e americanos à Rússia continuarão».

A nomeação de Lord Mountbatten, o comandante do *raid* a Saint-Nazaire — que entre outros efeitos já teve o da crudelíssima represália de fuzilamentos e duros castigos de algumas centenas de franceses que ajudaram a operação — para Chefe das Operações Combinadas (cargo em que substituiu o almirante Keyes), revela bem uma orientação.

Os aliados não se iludem, porém, sôbre o potencial alemão que «consideram muito grande», embora ferido de «falta de elasticidade». Pretendem, por ora, prender desde já efectivos alemães nos países ocupados e na própria defesa do território do Reich? Uma voz londrina dizia a 17:

«Calcula-se nesta cidade que a

Alemanha, embora carecendo de soldados e de máquinas de guerra para a próxima luta na frente oriental, conserve a oeste do país mais de 1.500.000 soldados e civis mobilizados para a defesa contra a ofensiva aérea britânica.

A intensificação dos bombardeamentos aparecia em primeira linha entre as eventualidades imediatas. Mas é erro pensar-se em que a Alemanha está desfalcada de meios para afrontar uma situação que, a certa altura, poderá repetir ciclicamente uma determinada e culminante fase da outra guerra. Em Nova Iorque, quando o general Marshall regressou, haviam-se por assentes planos de invasão da Europa neste verão pelas tropas americanas e britânicas, a fim de aliviar a pressão sobre a Rússia e que, embora 1942 não assista ao final da guerra, é provável que a decisão seja atingida este verão na campanha da Rússia.

A HORA DE LAVAL



DE GAULLE

A crise francesa, ou melhor a transmutação radical da política de Vichy com a volta de Laval ao poder, em funções de plenitude ditatorial, entre na órbita fatal destes acontecimentos. Conquanto a imprensa alemã, regida pela Wilhelmstrasse, se abstenha de pronunciar-se sobre a evolução dos sucessos, manifesta um decidido apoio ao novo estado de coisas que Laval, depois de uma apagada proclamação de Pétain, concretizou num discurso proferido em Vichy no dia 20. Laval espalhou-se em apelos que antecipadamente valem pouco (os atenta-

dos e actos de sabotagem já aumentaram nas duas zonas), mas formulou quanto à sua cooperação com a Alemanha, pontos de vista que não deixam margem a dúvidas:

«A política de entendimento e reconciliação com a Alemanha deve ser praticada com lealdade. Exige, para ser eficaz, confiança recíproca. Deve excluir todo o equívoco e é só na sinceridade das palavras e dos actos que podem basear-se um entendimento e uma reconciliação duradouros». E logo a seguir: «O meu pensamento dirige-se particularmente àqueles de entre vós que foram vítimas de ataques de uma antiga aliada. Depois de nos ter precipitado na guerra, de nos ter abandonado nos nossos combates, tentou destruir a nossa esquadra, assassinou os nossos marinheiros e faz passar fome às nossas populações. Hoje, os seus aviões voltam ao céu da França donde desertaram no momento do perigo, como que para concluir a destruição dos nossos lares poupados pela batalha.»

Laval — ponto capital para a história — confessa agora que sempre trabalhou para essa cooperação, antes e durante guerra. A atitude dos Estados Unidos e da Inglaterra também se defeniu pela hostilidade. Washington aproxima-se de braços abertos de De Gaulle, o que representa uma mutação igual de cenário. Esperava-se em Londres, ainda a 16, que Laval exprimiria ainda uma atenuada cordealidade com os Estados Unidos, e o Times chegava a sugerir que «sendo as modificações no gabinete de Vichy um novo risco adicional para as nações unidas», deveriam manter os Estados Unidos as suas relações com Pétain e simultaneamente com os Franceses Livres. Laval não esboçou, porém, o mais tibio ciclo a tal respeito. Sumner Welles já disse o



O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO com os representantes das Juntas de Freguesia de Lisboa e Porto.



O SR. PROF. HERNANI CIDADE pronunciando, no A. C. P., a sua conferência.

bastante para dar a perceber que, após a retirada do almirante Leahy, a sugestão do jornal londrino não pode sustentar-se em pé. A reconquista das colónias revoltadas contra Vichy, apontada como um dos objectivos de Laval, coadjuvada pela aviação italo-alemã (que já bombardeou regiões da África Equatorial) dará azo a Roosevelt para tentar ocupações como a do almirante Muselier nas ilhas de

Saint-Pierre e Miquelon. O destino da esquadra (não confundir com o das equipagens) posto nas mãos de Darlan que vai residir em Paris e não em Toulon e Marselha, não se nos afigura outro que o de uma comparticipação com a Alemanha quando a situação da África do Norte for colocada também em funções de um auxílio ao exército de Rommel. A personalidade do marechal fica remetida aos bastiões.

REPERCUSSÕES



WAVELL

Desde o Oriente ao Ocidente tudo parece aguardar pelos ponteiros de um relógio ou pelas datas de calendário o decurso dos preparativos, a distribuição das pedras do xadrez da luta que vai abrir-se. A própria campanha do Pacífico não acusa modificações dignas de apreço. A ofensiva nipónica na Birmânia ainda não surtiu êxitos estratégicos. Wavell concordava há pouco em que os aliados estavam em posição inferior no ar, mas afirmava que tinha já asseguradas as forças de barragem na Índia. Nehru, talvez por mudança de ambiente pois começam a manifestar-se pela defesa, importantes populações hindus, entoa brados de apelo às armas, com tom de *leader* e agitador nacional para que não lhe faltam qualidades nem argúcia. Tropas e material americano foram descarregadas na Índia.

Em Tóquio, o primeiro bombardeamento rijo da capital, de Kobe, de Iokoama e de Nogaya forçou Tojo a explicações de toda a sorte, a maior parte das quais desconcordadas, e no dia 22, bem que arrojado, denunciava um propósito mal simulado de defensiva. Onde parece inferir-se que não é muito diverso do europeu o ambiente na Ásia. A resolução de atacarem que os aliados apresentaram, marcou já alguns pontos, em toda a parte do mundo.

25-4-1942

Os DENTES só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

Escutai Roma

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

| Horas de Portugal | Noticiário | ESTACÕES | m. | Kc/s |
|-------------------|----------------------|-----------|--------------------------|-------------|
| 9,50 | Noticiário | { 2 RO 6 | m. 19,61 | Kc/s 15.300 |
| | | { 2 RO 4 | m. 25,40 | Kc/s 11.810 |
| 13,15 | Comunicado de guerra | { 2 RO 17 | m. 15,31 | Kc/s 19.590 |
| | | { 2 RO 7 | m. 16,88 | Kc/s 17.770 |
| 17,30 | Noticiário | { 2 RO 17 | m. 15,31 | Kc/s 19.590 |
| | | { 2 RO 7 | m. 16,88 | Kc/s 17.770 |
| | | { 2 RO 6 | m. 19,61 | Kc/s 15.300 |
| 22,10 e 0,10 | Noticiário | { 2 RO 22 | m. 25,10 | Kc/s 11.950 |
| | | { 2 RO 4 | m. 25,40 | Kc/s 11.810 |
| | | { 2 RO 3 | m. 31,15 | Kc/s 9.630 |
| | | { 2 RO 11 | m. 41,55 | Kc/s 7.220 |
| | | | m. 263,20 } ondas médias | |
| | | | m. 221,10 } ondas médias | |
| 1, | Noticiário | { 2 RO 6 | m. 19,61 | Kc/s 15.300 |
| | | { 2 RO 19 | m. 29,04 | Kc/s 10.330 |
| | | { 2 RO 18 | m. 30,74 | Kc/s 9.760 |

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA (às quartas e domingos)

| | | |
|----------------------|----------|-------------|
| 22,10 (às quartas) | m. 25,70 | Kc/s 11.695 |
| 22,20 (aos domingos) | m. 30,25 | Kc/s 9.830 |

LÍÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFÓNICA ITALIANA (às terças, quintas e sábados)

| | | | |
|-------|-----------|----------|-------------|
| 16,35 | { 2 RO 11 | m. 41,55 | Kc/s 7.220 |
| | { 2 RO 22 | m. 25,10 | Kc/s 11.950 |



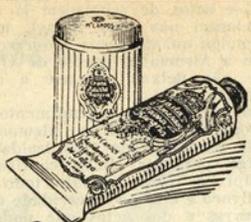
OS DIRIGENTES DO INSTITUTO DE CULTURA ITALIANA e os artistas que colaboraram na festa de recepção ao prof. Severi, ali recentemente efectuada.



O SR. DR. LUIGI FELICI fazendo, no mesmo Instituto, a sua conferência sobre «Politica nel Setecento».



JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 2 6942. ————— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —————



2

PRODUTOS
INDISPENSÁVEIS
À BELEZA
DA SUA PELE

Creme e Pasta de Amêndoas

Rainha da Higiene

SÃO PRODUTOS M.^{ME} CAMPOS 

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35
LISBOA



A VOZ DE LONDRES

— fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

| Horas | | Estações | Ondas curtas |
|-----------|--------------|-------------------------------|--------------|
| 14.15 | Noticiário | { G R Z 13.86 m. (21.64 mc/s) | |
| | | { G R U 31.75 m. (9.45 mc/s) | |
| 14.30 | Actualidades | { G R V 24.92 m. (12.04 mc/s) | |
| 23.00 (*) | Noticiário | { G R X 30.96 m. (9.69 mc/s) | |
| | | { G S B 31.55 m. (9.51 mc/s) | |
| 23.15 (*) | Actualidades | { G R T 41.96 m. (7.15 mc/s) | |

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado, e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.



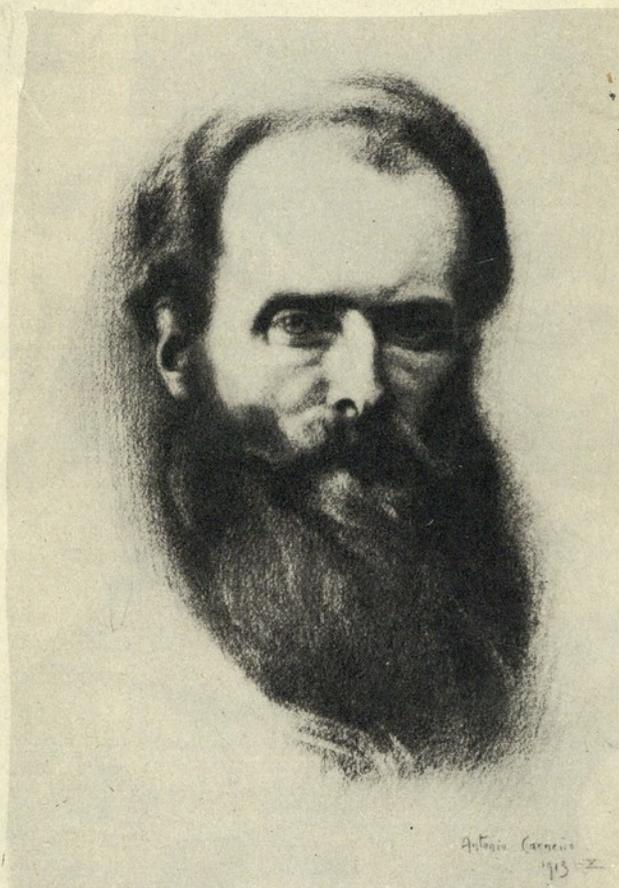
**CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS**

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL



A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drograrias

O centenário do nascimento de Antero de Quental



NOS AÇORES, EM COIMBRA E EM VILA DO CONDE celebrou-se, agora, com várias homenagens, o primeiro centenário do nascimento do grande poeta Antero de Quental, de quem damos nesta página um famoso retrato feito pelo artista António Carneiro. Nas outras fotos, vêem-se em baixo, à direita, a casa onde Antero viveu naquela vila do norte, e onde, em 11 de Janeiro de 1890, o foram buscar para assumir a presidência da Liga Patriótica do Norte. À esquerda: Em cima, o presidente da Câmara de Vila do Conde, dr. José Ferreira, descerrando uma lápida nessa casa. Em baixo, um aspecto da cerimónia comemorativa, quando o sr. António Ferreira lia o seu discurso.





UM SOLDADO CANADIANO encontrou um cordeirinho branco na herdade inglesa onde está acampado e fêz dele a mascote do seu regimento. Optimistas, pacientes e valentes, os canadenses aguardam o momento propício de entrar em acção nas operações ofensivas que se anunciam e se esperam.